

JUVENTUDE CONECTADA: ENTRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM NO MUNDO DIGITAL

CONNECTED YOUTH: BETWEEN IDENTITY CONSTRUCTION AND LEARNING CHALLENGES IN THE DIGITAL WORLD

Alessandra Maria Rocha Ribeiro¹

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/d7cwpm04>

Publicado em: 01.03.2026

Resumo: O presente artigo analisa as transformações provocadas pela cultura digital na construção da identidade e nos processos de aprendizagem dos adolescentes contemporâneos. Inseridos em um contexto de hiperconectividade, os jovens passam a experienciar novas formas de sociabilidade, expressão e pertencimento, mediadas por tecnologias que influenciam suas dimensões cognitivas, emocionais e sociais. A pesquisa, de natureza bibliográfica, fundamenta-se em estudos recentes sobre educação, juventude e cultura digital, buscando compreender como o uso das mídias impacta o desenvolvimento integral e o papel do educador nesse cenário. Discute-se a importância de repensar a prática pedagógica frente aos desafios do mundo digital, adotando metodologias que promovam protagonismo, criticidade e empatia. As reflexões apontam que o uso pedagógico das tecnologias deve ir além da instrumentalização, constituindo-se como meio de diálogo e construção de sentido. Defende-se a necessidade de formação docente voltada à mediação ética e humanizadora, capaz de transformar o ambiente virtual em espaço de aprendizagem significativa. Conclui-se que a integração equilibrada entre tecnologia e educação possibilita o fortalecimento da autonomia e da consciência crítica dos estudantes, contribuindo para uma formação mais sensível, inclusiva e alinhada às demandas da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: cultura digital; adolescência; identidade; aprendizagem; educação.

Abstract: This article analyzes the transformations brought about by digital culture in the construction of identity and in the learning processes of contemporary adolescents. Immersed in a context of hyperconnectivity, young people experience new forms of sociability, expression, and belonging, mediated by technologies that influence their cognitive, emotional, and social dimensions. This bibliographic research is based on recent studies on education, youth, and digital culture, aiming to understand how media use affects holistic development and the educator's role in this scenario. The discussion highlights the importance of rethinking pedagogical practices in light of digital challenges by adopting methodologies that foster agency, critical thinking, and empathy. The reflections indicate that the pedagogical use

¹ Licenciatura em Pedagogia e Geografia com pós-graduação em Psicopedagogia com ênfase em educação especial e educação inclusiva, Neuropsicopedagogia Clínica, Psicomotricidade e Educação Contemporânea com ênfase coordenação pedagógica. Professora Efetiva na Secretaria de Estado da Educação de Goiás - SEDUC/GO. E-mail: alessandrarochoa2007@hotmail.com

of technology should go beyond instrumental application, serving as a means for dialogue and meaning-making. It argues for the need for teacher training focused on ethical and humanized mediation, capable of transforming virtual environments into spaces for meaningful learning. The study concludes that a balanced integration between technology and education strengthens students' autonomy and critical awareness, contributing to a more sensitive, inclusive, and ethically grounded educational formation aligned with the demands of contemporary society.

Keywords: digital culture; adolescence; identity; learning; education.

Introdução

A cultura digital tem redefinido as formas de convivência, expressão e aprendizagem na contemporaneidade. Entre os adolescentes, esse fenômeno adquire uma dimensão singular, pois o acesso constante às tecnologias digitais molda novas maneiras de perceber o mundo e a si mesmos. As redes sociais, os dispositivos móveis e os ambientes virtuais passaram a ocupar papel central na construção de identidades e no estabelecimento de vínculos afetivos e sociais. Nesse cenário, compreender a adolescência implica reconhecer que o desenvolvimento cognitivo e emocional ocorre em diálogo com uma cultura tecnológica que reorganiza o tempo, o espaço e as relações humanas.

O ambiente escolar, inserido nesse contexto de transformações, enfrenta o desafio de integrar as tecnologias à prática pedagógica sem perder de vista os valores éticos e humanizadores da educação. O processo de ensino-aprendizagem, antes centrado em modelos tradicionais e lineares, deve se adaptar às múltiplas linguagens e às novas dinâmicas de interação mediadas por telas. A escola, portanto, precisa assumir um papel de mediação crítica, capaz de transformar o uso das tecnologias em oportunidade de reflexão, criatividade e protagonismo estudantil. Educar em tempos digitais significa, acima de tudo, formar sujeitos autônomos, sensíveis e conscientes de seu papel social.

O objetivo deste artigo é analisar as implicações da cultura digital na construção da identidade e na aprendizagem dos adolescentes, investigando como o uso das tecnologias influencia os processos emocionais, cognitivos e sociais. Pretende-se, ainda, refletir sobre o papel do educador diante desse novo cenário, identificando estratégias que favoreçam o engajamento e o equilíbrio entre o mundo virtual e a experiência humana. A pesquisa busca compreender como o espaço digital pode ser integrado à educação de modo a promover autonomia, empatia e criticidade, respeitando o ritmo e as particularidades dos jovens contemporâneos.

A relevância deste estudo reside na urgência de discutir a educação frente às mudanças provocadas pela cultura digital. Em um contexto em que a juventude cresce hiperconectada, torna-se essencial compreender os impactos desse fenômeno sobre a formação da subjetividade e da aprendizagem. O diálogo entre tecnologia e educação deve ser guiado por princípios de inclusão, ética e humanização, de modo que o avanço digital contribua para reduzir desigualdades e ampliar possibilidades formativas. O artigo, portanto, propõe uma reflexão sobre como a

escola pode se adaptar sem perder seu papel de espaço de convivência, acolhimento e construção coletiva de sentido.

A metodologia adotada baseia-se em pesquisa bibliográfica, com análise de obras e artigos científicos que tratam da relação entre juventude, cultura digital e educação. Essa abordagem permite compreender o tema a partir de diferentes perspectivas teóricas, favorecendo uma discussão crítica e contextualizada. O estudo analisa autores que discutem o comportamento juvenil nas redes, o impacto emocional das mídias digitais e as possibilidades pedagógicas das tecnologias na sala de aula. A partir desse levantamento, são apresentados argumentos que sustentam a importância de uma prática educativa mais integrada e reflexiva diante dos desafios digitais.

Por fim, o artigo organiza-se em três partes principais. O primeiro capítulo aborda a adolescência em suas dimensões cognitivas, emocionais e socioculturais, enfatizando o papel da escola na mediação das experiências juvenis. O segundo capítulo discute a cultura digital e seus efeitos sobre a aprendizagem, as relações sociais e a construção da identidade. O terceiro capítulo apresenta estratégias pedagógicas voltadas à promoção do engajamento, da criatividade e da autonomia em tempos digitais. Encerram-se as discussões com as considerações finais, que sintetizam as contribuições do estudo e indicam caminhos para futuras reflexões sobre o tema.

A cultura digital e o novo cenário da adolescência

A cultura digital modificou intensamente os modos de ser e aprender dos adolescentes. A conectividade constante, viabilizada pela internet e pelos dispositivos móveis, cria um ambiente de interação contínua, no qual vínculos e identidades se formam de maneira fluida. O espaço virtual deixou de ser apenas tecnológico e passou a integrar dimensões emocionais e simbólicas do cotidiano juvenil. Essa realidade desafia instituições como a escola, que precisam compreender como as tecnologias interferem nas formas de socialização, expressão e construção do conhecimento. Entender a adolescência hoje exige refletir sobre a influência das mídias digitais na formação de valores, emoções e pertencimentos.

A cultura digital tem transformado a forma como adolescentes se relacionam e aprendem, tornando o ambiente virtual um espaço central de convivência e expressão. As interações mediadas por telas redefinem vínculos e formas de pertencimento, exigindo novas posturas pedagógicas. Como sugere Portugal e Souza (2020, p. 268), “as redes sociais tornaram-se espaços privilegiados de expressão e de aprendizagem, ao mesmo tempo em que ampliam os riscos da exposição excessiva”. Diante disso, é fundamental desenvolver competências críticas e emocionais que permitam o uso ético e equilibrado das tecnologias, favorecendo uma aprendizagem mais consciente e humanizada.

O fenômeno da hiperconectividade tem exposto os adolescentes a uma sobrecarga de estímulos e demandas emocionais, alterando o modo como constroem vínculos e percebem o mundo. Franqueira et al. (2024, p. 4) considera que “as redes sociais, ao mesmo tempo em que

ampliam possibilidades de comunicação, podem reforçar sentimentos de inadequação e solidão”. A educação contemporânea precisa adotar estratégias que promovam equilíbrio entre o virtual e o real, favorecendo o bem-estar e a criticidade. Como ilustra Silva Neto et al. (2019, p. 890), “o jovem conectado busca reconhecimento e pertencimento em múltiplos espaços”. Cabe à escola mediar esse processo, estimulando reflexão, ética e responsabilidade digital.

As experiências mediadas por tecnologias influenciam profundamente a forma como os adolescentes percebem a si mesmos e o mundo ao redor. A educação digital precisa ser compreendida como um processo formativo que integra dimensões cognitivas e emocionais, promovendo autoconhecimento e empatia. O ambiente virtual pode se tornar espaço de criação e protagonismo juvenil quando explorado de maneira crítica e ética. Para isso, é necessário desenvolver práticas pedagógicas que estimulem a reflexão, o respeito à diversidade e o uso responsável das mídias, favorecendo uma aprendizagem significativa e humanizadora.

A cultura digital tem transformado profundamente as formas de ensinar e aprender, impondo novos ritmos, linguagens e desafios à prática pedagógica. As interações mediadas por tecnologia reconfiguram o espaço da sala de aula e exigem do educador uma postura aberta à experimentação e à escuta ativa dos alunos. Conforme defendido por Portugal e Souza (2020), o professor deve atuar como mediador e orientador, conectando saberes, promovendo o diálogo e ressignificando o uso das tecnologias no cotidiano escolar. Assim, a experiência digital não substitui a vivência educativa, mas amplia suas possibilidades, favorecendo autonomia, criatividade e senso crítico na formação dos estudantes.

Segundo a visão de Marques (2025, p. 7):

A educação digital não se limita à inserção de recursos tecnológicos, mas envolve um projeto de humanização e de sentido”. Nesse contexto, o desafio maior é transformar o uso das mídias em oportunidade de reflexão, aprendizagem e convivência ética. O diálogo entre o universo digital e a educação possibilita reconhecer o adolescente como sujeito ativo, criador e participante de uma cultura em constante mutação.

A formação contemporânea, portanto, deve contemplar não apenas a alfabetização tecnológica, mas também a formação crítica e emocional necessária para navegar com consciência no vasto território da conectividade.

O equilíbrio entre o universo digital e as vivências humanas tornou-se essencial para o bem-estar e para a aprendizagem significativa dos jovens. Ao compreender o impacto das tecnologias na formação, a escola amplia sua função como espaço de mediação cultural, afetiva e ética. Promover a escuta sensível, o diálogo e a reflexão crítica permite formar sujeitos capazes de agir com responsabilidade e discernimento nos diferentes contextos sociais. A cultura digital, quando orientada por valores humanizadores, pode fortalecer identidades autônomas e contribuir para uma juventude mais consciente, empática e solidária.

Identidade, emoções e pertencimento no espaço virtual

A vivência digital transformou profundamente as formas de construção da identidade e de expressão emocional dos adolescentes. As redes sociais se consolidaram como espaços de visibilidade e reconhecimento, onde a imagem e os afetos se entrelaçam em dinâmicas permanentes. Nesse ambiente, o jovem constrói sua autoimagem a partir das interações e da resposta do público, modulando comportamentos conforme os padrões de aceitação e destaque. A identidade, que antes se formava principalmente em contextos presenciais, passa a ser moldada por fluxos de informação, pela velocidade das trocas e pela constante necessidade de se afirmar diante do olhar coletivo.

O ambiente virtual amplia as formas de comunicação e interação, mas também introduz novos dilemas éticos e emocionais que desafiam as relações humanas. A convivência digital aproxima e, ao mesmo tempo, distancia, criando vínculos frágeis e mediadores da validação social. Conforme aponta Silva et al. (2022, p. 6), “o sujeito contemporâneo experimenta simultaneamente proximidade e distanciamento, presença e ausência, criando novas formas de laço social”. As emoções, frequentemente convertidas em performance, refletem a tensão entre autenticidade e idealização. Nesse cenário, a educação e a psicologia precisam compreender como os afetos mediados pelas tecnologias interferem na construção da identidade e no bem-estar dos jovens.

De acordo com Baptista (2024, p. 3):

A adolescência vivida nas redes se caracteriza por uma busca incessante por pertencimento e reconhecimento simbólico. Essa busca, embora inerente ao desenvolvimento humano, ganha contornos particulares na cultura digital, em que a visibilidade se converte em valor social. Os laços estabelecidos nas plataformas virtuais não se restringem à comunicação, mas envolvem práticas de cuidado, compartilhamento e empatia mediadas por telas.

A velocidade e a superficialidade das interações digitais podem provocar sensação de isolamento e insegurança emocional, sobretudo quando a busca por reconhecimento virtual passa a substituir o contato humano genuíno. A constante exposição e comparação nas redes contribuem para fragilizar a autoestima, favorecendo a construção de autoimagens idealizadas e pouco realistas. Essa dinâmica afeta de modo particular os adolescentes, fase em que a necessidade de pertencimento e aceitação social é mais intensa, tornando fundamental a reflexão sobre os impactos psicológicos das experiências mediadas por telas.

A identidade digital se constrói de forma coletiva e relacional, a partir das interações estabelecidas em comunidades virtuais que oferecem acolhimento e reconhecimento simbólico. As redes sociais possibilitam o encontro entre pessoas com interesses comuns, favorecendo a criação de vínculos e o sentimento de pertencimento. Entretanto, a dinâmica algorítmica tende a reforçar bolhas informativas e visões homogêneas, restringindo o diálogo e a diversidade de ideias. Essa ambiguidade torna o ambiente digital simultaneamente integrador e excludente,

exigindo da educação estratégias que desenvolvam consciência crítica e equilíbrio emocional diante das experiências virtuais.

A construção da autoimagem no ambiente digital ocorre em um processo contínuo de exposição e controle das emoções, moldado pelas expectativas externas e pela busca por validação. Nas palavras de Penna e Ingrassia (2024, p. 6), “a autoimagem digital é construída por meio de uma dramaturgia cotidiana, em que o indivíduo edita e administra suas emoções para se adequar às expectativas do público”. Essa encenação permanente gera tensão entre o eu real e o eu ideal, ampliando sentimentos de inadequação. Como esclarece Baptista (2024, p. 4), “o desafio não está apenas na exposição, mas na dificuldade de sustentar vínculos autênticos em meio à lógica da velocidade e da visibilidade”. Diante disso, a escuta sensível e a mediação crítica tornam-se essenciais para promover equilíbrio emocional e social.

A relação entre corpo, imagem e reconhecimento social foi intensificada pelas dinâmicas das redes digitais, nas quais a exposição se tornou parte da construção da identidade. O corpo, transformado em linguagem visual e pública, converte-se em espaço de afirmação e também de vulnerabilidade emocional. Formar jovens conscientes implica promover uma educação que una emoção, ética e pensamento crítico, ajudando-os a compreender a mídia como extensão da vida social e cultural. Educar para o uso responsável das tecnologias significa estimular o discernimento, a empatia e o equilíbrio entre presença digital e autenticidade pessoal.

A escola contemporânea enfrenta o desafio de compreender os impactos da cultura digital na formação emocional e identitária dos adolescentes, que vivem entre o real e o virtual. As interações mediadas por tecnologias criam novos modos de convivência e aprendizagem, exigindo abordagens pedagógicas mais sensíveis e participativas. Conforme argumenta Silva et al. (2022), o pertencimento virtual integra novas formas de sociabilidade e requer da educação uma escuta atenta aos modos de ser da juventude digital. Ao reconhecer o potencial educativo das mídias, a escola pode transformar o ambiente virtual em espaço de reflexão, empatia e autonomia, favorecendo o equilíbrio e o engajamento crítico no mundo conectado.

Desafios pedagógicos para a aprendizagem em tempos digitais

A inserção da cultura digital na educação transformou profundamente o processo de ensino e aprendizagem, ampliando possibilidades, mas também gerando novos desafios. O modelo tradicional, baseado em práticas lineares e presenciais, passou a coexistir com múltiplas linguagens e interações mediadas por tecnologias. Essa transição exige que o professor desenvolva competências pedagógicas, comunicacionais e emocionais que o tornem capaz de integrar o digital sem perder o sentido humano da educação. A aprendizagem mediada por telas requer planejamento, sensibilidade e criticidade para que a tecnologia se torne instrumento de reflexão e não de dependência.

Conforme discute Sandes et al. (2024, p. 5):

O cenário educacional contemporâneo enfrenta uma defasagem

entre o avanço tecnológico e a preparação docente para utilizá-lo de forma significativa. A transição para metodologias digitais evidenciou desigualdades de acesso e lacunas na formação continuada dos professores. O domínio técnico, por si só, não garante qualidade pedagógica; é preciso compreender as potencialidades e os limites das ferramentas digitais em cada contexto.

O professor assume o papel de mediador do conhecimento, escolhendo estratégias que estimulem a autonomia e a participação efetiva dos estudantes. A integração das tecnologias à prática pedagógica deve promover reflexão, criatividade e colaboração, e não apenas substituir métodos tradicionais por recursos digitais. O desafio está em equilibrar inovação e propósito educativo, garantindo que o uso das ferramentas tecnológicas esteja orientado ao desenvolvimento crítico e ético. A verdadeira transformação pedagógica ocorre quando o digital serve para potencializar o humano no processo de aprendizagem.

A aprendizagem digital exige novas formas de engajamento, centradas na colaboração, na criatividade e na resolução de desafios concretos. Para Pedro e Santos (2025, p. 4), “a aprendizagem digital demanda novas formas de engajamento, baseadas na colaboração, na autoria e na resolução de problemas reais”. Ao integrar recursos tecnológicos, a escola deve romper com práticas transmissivas e valorizar o protagonismo estudantil, promovendo experiências interdisciplinares e gamificadas. Conforme ressalta Mill e Martoni (2024, p. 6), “a integração tecnológica requer políticas de apoio, investimentos contínuos e formação docente crítica e reflexiva”. Assim, a inovação pedagógica precisa de estrutura e intencionalidade para gerar inclusão e sentido educativo.

As metodologias de ensino baseadas na participação ativa dos estudantes favorecem o desenvolvimento do pensamento crítico e das habilidades socioemocionais no ambiente digital. A aprendizagem híbrida, ao articular o presencial e o virtual, amplia as possibilidades de diálogo, flexibilidade e autonomia. Contudo, a multiplicidade de estímulos e informações exige do professor um planejamento atento à gestão do tempo e da atenção dos alunos. O principal desafio é equilibrar a velocidade tecnológica com o ritmo humano da aprendizagem, garantindo que o conhecimento seja construído de forma profunda, colaborativa e significativa.

O uso de tecnologias na educação deve ir além do domínio técnico, abrangendo dimensões éticas, cognitivas e afetivas que garantam uma prática verdadeiramente humanizada. De acordo com o que relata Monte (2025, p. 4), “o professor digitalmente competente não é aquele que domina ferramentas, mas aquele que compreende as dimensões éticas, cognitivas e afetivas do uso da tecnologia”. A mediação pedagógica precisa priorizar empatia, diálogo e pensamento crítico, fortalecendo vínculos e ampliando o sentido da aprendizagem. Segundo as observações de Pedro e Santos (2025), o verdadeiro desafio pedagógico reside em equilibrar inovação e humanização, garantindo que a tecnologia amplie, e não reduza, o papel transformador da educação.

A superação dos desafios pedagógicos na era digital depende da valorização docente e da criação de espaços colaborativos de formação e troca de experiências. A construção de

uma educação inovadora exige investimento contínuo e reconhecimento de que a transição tecnológica é um processo gradual, que requer tempo e reflexão. As políticas educacionais devem priorizar equidade, acessibilidade e desenvolvimento humano, assegurando que o avanço digital seja acompanhado por inclusão efetiva. A educação do futuro precisa integrar tecnologia e sensibilidade, promovendo práticas que mantenham o caráter ético e humanizador do ensino.

Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender como a cultura digital transformou as formas de ser, conviver e aprender na adolescência. O avanço das tecnologias digitais não se restringe à dimensão instrumental; ele interfere diretamente na constituição das identidades juvenis, nas experiências emocionais e nos modos de pertencimento. O adolescente contemporâneo cresce em meio a fluxos contínuos de informação e estímulos, experimentando novas linguagens e vínculos mediados por telas. Essa realidade impõe à educação o desafio de dialogar com um universo em que o virtual e o real se entrelaçam, exigindo práticas pedagógicas sensíveis, críticas e humanizadoras.

A juventude conectada revela-se protagonista de uma cultura em constante mutação, na qual as redes sociais funcionam como espaços de expressão, visibilidade e reconhecimento simbólico. Contudo, a mesma conectividade que aproxima também pode gerar isolamento, comparações e ansiedade, tornando necessária uma abordagem educativa que articule emoção, ética e reflexão. As discussões apresentadas demonstram que a formação escolar não deve apenas acompanhar o avanço tecnológico, mas sobretudo formar sujeitos capazes de lidar com os aspectos afetivos e cognitivos da vida digital. A escola, ao compreender as novas linguagens e ritmos da juventude, pode ressignificar o uso das tecnologias, transformando-as em instrumentos de construção de sentido, diálogo e solidariedade.

As reflexões propostas evidenciam que a educação digital deve ir além da inserção de ferramentas e plataformas. O verdadeiro desafio está em promover uma aprendizagem que una criticidade e sensibilidade, rompendo com modelos tradicionais baseados na transmissão de conteúdo. O professor assume papel fundamental nesse processo: é mediador, orientador e coautor do conhecimento. Sua função vai muito além do domínio técnico — implica compreender as dimensões éticas e emocionais do ensinar em tempos digitais. Ao adotar metodologias ativas, projetos colaborativos e práticas híbridas, o educador estimula o protagonismo estudantil, criando condições para que o aluno se reconheça como agente transformador de sua própria aprendizagem.

A partir dessa perspectiva, o artigo defende que a integração entre cultura digital e educação não deve ser vista como uma ameaça, mas como uma oportunidade de inovação e humanização. O equilíbrio entre tecnologia e sensibilidade representa o caminho para uma escola mais inclusiva, criativa e conectada com as demandas do século XXI. É urgente investir na formação docente, em políticas públicas de inclusão digital e em estratégias pedagógicas que

priorizem a construção de vínculos e o desenvolvimento socioemocional. A educação do futuro precisa ser digital, mas também profundamente humana — uma educação que forme cidadãos críticos, éticos e empáticos, capazes de atuar de maneira consciente no mundo interconectado em que vivem.

Por fim, as discussões aqui apresentadas indicam que a cultura digital pode se tornar uma aliada poderosa do processo educativo, desde que orientada por valores éticos e solidários. Compreender o universo juvenil conectado é reconhecer que a tecnologia, quando mediada pelo diálogo e pela escuta sensível, pode promover a emancipação intelectual e emocional dos estudantes. A aprendizagem significativa nasce quando o uso do digital é atravessado pela experiência humana — pela capacidade de sentir, pensar e agir com responsabilidade. Assim, a escola se reafirma como espaço de pertencimento, reflexão e transformação social, contribuindo para o desenvolvimento de uma geração mais consciente, colaborativa e comprometida com o futuro coletivo.

Referências

- BAPTISTA, T. A. **Adolescência nas redes: produção e venda de identidade.** Cuadernos de Educación y Desarrollo, 2024. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/3266>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- DO MONTE, Cidália Alves. **Tecnologias digitais na Educação: vantagens, desafios e estratégias para uma integração eficiente no contexto brasileiro.** Ensino e Ciências Educacionais, v. 6, n. 1, 2025. Disponível em: <https://eacademica.org/eacademica/article/view/600>. Acesso em: 18 set. 2025.
- FRANQUEIRA, Alberto da Silva; SOUZA, Edmundo de Oliveira; CAMPOS, Mauro Cezar. **Influência das redes sociais no desenvolvimento psicológico de adolescentes: riscos e benefícios.** Cuadernos de Educación y Desarrollo, v. 16, n. 9, 2024. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/5650>. Acesso em: 14 ago. 2025.
- GAMA, L. da (coord.). **Desafios e oportunidades das metodologias ativas em ambientes digitais.** Revista Remici, v. 10, n. 2, 2024. Disponível em: <https://remici.com.br/index.php/revista/article/view/505>. Acesso em: 2 out. 2025.
- LIRA, A. G. **Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação corporal entre adolescentes do sexo feminino.** Journal Brasileiro de Psiquiatria, v. 66, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/6NrPypcRchnc35RH9GLSYwK/?lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- MARQUES, Janote Pires. **Utilização de redes sociais e sua influência na saúde mental de adolescentes.** Revista Educação & Ensino, Fortaleza, v. 9, n. 1, 2025.

Disponível em: <https://periodicos.uniateneu.edu.br/index.php/revista-educacao-e-ensino/article/view/822>. Acesso em: 29 set. 2025.

MILL, D.; MARTONI, J. **Desafios pedagógicos, infraestrutura educacional e uso de tecnologias: condições de trabalho em escolas de Jundiaí-SP**. RBAAD – Revista Brasileira de Aprendizagem e Avaliação Docente, v. 24, n. 3, 2024. Disponível em: <https://abed.emnuvens.com.br/RBAAD/article/view/791>. Acesso em: 19 ago. 2025.

NETO, Antonio Pedro da Silva; BRASIL TAVARES, Kecya Nayane Lucena. **Identidade dos adolescentes e as redes sociais virtuais**. Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências, v. 2, n. 3, p. 883-911, set./dez. 2019. Disponível em: <https://riec.univs.edu.br/index.php/riec/article/view/91>. Acesso em: 23 jun. 2025.

OLIVEIRA, Eloiza Silva Gomes. **Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação**. Educar em Revista, Curitiba, v. 33, n. 64, p. 283-298, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/47048>. Acesso em: 17 out. 2025.

PEDRO, V. R. T.; SANTOS, M. P. M. **Desafios da educação digital e globalizada**. REASE – Revista de Educação, Sociedade e Arte, v. 2, n. 5, 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/18776>. Acesso em: 8 jul. 2025.

PENNA, Yasmin Carretta; INGRASSIA, Eduardo Rangel. **Os adolescentes e os usos das redes sociais em contexto pós-pandemia: formação da autoimagem e pertencimento**. Trajetória Multicursos, v. 17, n. 2, 2024. Disponível em: <https://cientifica.cnec.br/index.php/trajetoria-multicursos/article/download/369/352>. Acesso em: 10 ago. 2025.

PORTUGAL, Adriana Farias; SOUZA, Júlio César Pinto de. **Uso das redes sociais na internet pelos adolescentes: uma revisão de literatura**. RECH – Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar, ano 4, v. IV, n. 2, p. 262-291, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/download/7966/5673>. Acesso em: 5 set. 2025.

SANDES, E. M. da S. et al. **Educação para Era Digital: desafios dos professores no uso das tecnologias digitais no Ensino Médio**. EaD em Foco, v. 14, n. 1, 2024. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/2288/953>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SILVA, D. G. F. et al. **Influência nas relações interpessoais e na construção de identidade de adolescentes: uma análise da literatura brasileira (2010-2020)**. Psicologia em Estudo, v. 27, n. 2, 2022. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542022000200008&script=sci_arttext. Acesso em: 3 out. 2025.

SOUZA, Rodrigo de Freitas; TOZATTO, Alessandra. **Redes sociais e os impactos**

na formação da identidade dos adolescentes. Revista Sociedade Científica, v. 7, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.61411/rsc202479317>. Acesso em: 21 ago. 2025.